

PERCEPÇÃO, INTERVENÇÃO E CURA: SOBRE MODOS SOMÁTICOS DE ATENÇÃO E A PRÁTICA DA BENZEDURA

*Caian Alberto Andrade de Mello
Universidade Federal do Paraná, Brasil**

Resumo: As benzedadeiras, comuns em todo território brasileiro, são sujeitos detentores de práticas tradicionais de cura, que exercem seu ofício como intermediárias entre os homens e o divino, entre o sagrado e o profano. Essa mediação, de percepção e intervenção sobre os males de seus solicitantes se dá por meio de práticas rituais e processos corporais específicos, desenvolvidos na trajetória destas agentes que lhes permitem interagir e negociar com a dimensão sagrada. O texto propõe analisar o uso e manifestação destes processos corpóreo-sensoriais, “Dons”, das benzedadeiras do município de Rebouças (PR), através do paradigma da corporeidade, ‘embodiment’, proposto por Thomas Csordas (CSORDAS, 2008). Assim, este texto apresenta uma compreensão dos ‘Dons’ entendendo-os como modos somáticos de atenção, modos culturalmente definidos de se estar atento com e ao corpo em um ambiente inter-subjetivo. Para realizar esta análise, o texto recorre a narrativas de duas benzedadeiras e a descrição de procedimentos de cura e intervenção por elas executados.

Palavras-chave: benzedura, corporeidade, dom.

Abstract: The “benzedadeiras”, folk healers, common throughout all Brazilian territory, are people who keep traditional healing practices, which they exert in their office as intermediaries between man and the divine, between the sacred and the profane. This mediation of perception and intervention over the maladies of those who solicit the healer’s help takes place through ritual practices and specific corporeal processes developed in the trajectory of these agents, which allow them to interact and negotiate with the sacred dimension. The text intends to analyze the usage and manifestation of these sensory-corporeal processes, “Gifts”, of the folk healers from the municipality of Rebouças (PR) through the paradigm of embodiment proposed by Thomas Csordas (CSORDAS, 2008). Thus, this text presents an understanding of “Gifts” as somatic modes of attention, modes culturally defined of being

attentive with and to the body in an intersubjective environment. In order to accomplish this analysis, the text recurs to the narratives of two folk healers and the description of healing procedures and interventions performed by them.

Keywords: Folk healing, embodiment, gift.

Introdução

A Benzedura é uma manifestação religiosa presente em todo o território nacional, havendo trabalhos a respeito deste ofício em todas as regiões do país. Apesar de suas diferenças regionais diversos aspectos deste ofício se repetem na grande maioria dos estudos realizados, dentre eles seu vínculo em maior ou menor escala com o catolicismo e o amalgama religioso existente na região, o Dom como elemento constitutivo da benzedura e o papel das benzedoras como mediadoras entre o domínio do sagrado e do profano. Assim sendo, sua ligação com o catolicismo se dissolve permeando também diversas outras denominações religiosas. Aqui nos deteremos a uma breve análise do que foi comumente tratado por Dom entre as benzedoras focando o material etnográfico que pude desenvolver através de meu trabalho de campo em Rebouças (PR).

A Cidade de Rebouças

Rebouças é uma cidade e município da região Sudeste do Paraná, localizada à 144 km da Capital do Estado, Curitiba. Foi fundada em 1930 e segundo o censo de 2010 possuía 14.176 habitantes com densidade populacional média de 29 habitantes por quilometro quadrado.

Oficialmente Rebouças tem sua economia baseada na produção rural, em especial a produção de fumo para indústria tabagista. Segundo relatos locais, na última década alguns agricultores, detentores de terras mais extensas tentaram dedicar-se ao cultivo da soja, porém a maioria já retornou para o cultivo do fumo por não conseguir o retorno esperado. No discurso da população local o plantio de fumo é sempre relatado como objeto de sofrimento devido a dificuldade de seu cultivo e os diversos males de saúde que sofrem seus produtores principalmente após o envelhecimento, no entanto o cultivo do tabaco é acionado como

única alternativa viável no município.

A colonização local é quase exclusivamente Alemã e Polonesa, havendo inicialmente, nas histórias populares, ‘bugres’ na região. Os ucranianos, também muito presentes na região, não marcam, aparentemente, presença significativa na cidade de Rebouças. Em Rebouças metade de sua população é habitante do meio urbano (52.9%), outra metade do meio rural (47.1%), havendo aproximadamente (com muitas informações controversas) 23 comunidades rurais no município. Neste contexto a associação das ‘benzedeiças’ locais, MASA, identificou 133 ‘detentores de ofícios tradicionais de cura’ no município em 2008, porém esse número já se elevou para aproximadamente 150. Mesmo este já sendo um número elevado, mais de 1% da população local, tal organização política só contabiliza como praticantes do ofício da benzeção aquelas que se integram ao movimento, o que me faz estimar que este número seria muito maior caso houvesse a contabilidade das benzedeiças não integradas a associação.

A Cultura Local e a Benzeção

A cultura da benzedura em Rebouças é intimamente ligada ao cotidiano da população, ao menos em sua maioria, não apenas pela proporção de benzedeiças em relação à população local, mas por uma afinidade cotidiana explícita que emerge em diversas ocasiões de conflito com as forças médicas, forças da administração pública ou da igreja católica em defesa das práticas da benzeção. Diferentemente do caso de Campo Largo (PR) (BRAGA, 2010) a cultura da benzeção não é negada, oculta, pelo contrário, é explicitada e defendida por parte significativa da população, mesmo perante instituições de grande poder institucional, financeiro ou religioso.

O cotidiano local é permeado por relações sociais que subentendem as práticas da benzeção, colocando de forma implícita a benzedura como fenômeno no mundo, sem que possa ser negado. Na existência social de males do olhar, de doenças espirituais, de visagens e mesmo as relações coletivas com santos e locais sagrados acompanha a existência da prática da benzeção, prática mediadora entre os domínios e capaz de intervir sobre tais fenômenos.

Objetivo e Interlocutores

Aqui, aplicarei as chaves epistemológicas da corporeidade desenvolvidas por Csordas (2008) às experiências de duas benzedeadas da Cidade de Rebouças. Através dessa análise busco aprofundar uma possibilidade de compreensão do Dom¹ possuído por estas Agentes e sua influência na produção da cura e das relações sociais a que estas agentes estão submetidas. Adotei aqui o paradigma da corporeidade para análise destas experiências por tratar-se de uma perspectiva que nos permite ir além das abstratas análises semânticas e as descritivas análises da fenomenologia sem, em nenhum momento, nos afastarmos dos dados empíricos.

Para cumprir tal objetivo apresento aqui diversos relatos de duas das benzedeadas que acompanhei em meu trabalho de campo. Primeiramente apresentarei aqui os relatos de Dona Josefa, descrevendo suas próprias experiências através do ‘Dom’, que lhe concede a capacidade empática de sentir em seu próprio corpo o mal que aflige quem estiver próximo a ela. Num segundo momento apresento aqui alguns relatos de Dona Jandira, mãe de Dona Josefa, que possui através do ‘Dom’ uma grande empatia sobre ambiente onde realiza orações e solicita por bênçãos, dentre outras percepções que não me deterei neste trabalho. Por fim, através do discurso destas mulheres busco construir uma breve análise do impacto do ‘Dom’ destas benzedeadas sobre suas relações sociais, tanto domésticas quanto comunitárias.

Corporeidade e os modos somáticos de atenção

A perspectiva da corporeidade proposta por Csordas vem com o objetivo de se desvincular da dualidade descartiana mente / corpo e da dualidade de Spinoza sujeito / objeto. Para tal, Csordas partirá de dois autores fundamentais, Merleau-Ponty por meio de seus conceitos sobre a percepção, com seu caráter pré-objetivo e reflexivo, e Bourdieu pelo conceito de habitus. Assim, a experiência corporal é vista não como objeto, mas como ponto inicial de uma cadeia reflexiva sobre a participação humana em um mundo culturalmente construído; ou seja, um entendimento da corporeidade como ponto de encontro entre as formas de existir no mundo de sujeito e objeto onde a experiência corpórea será entendida, em seu aspecto dual, como presença e engajamento no mundo. Isso não só desfaz a dualidade sujeito / objeto como faz desaparecer seus caracteres essenciais dicotômicos, nos possibilitando

uma forma de compreensão da parcela de agência no que tratamos por objetos e a perspectiva objetual que identificamos qualquer sujeito.

A partir daí, da mesma forma que o “senso comum” entende o corpo como base existencial do indivíduo podemos entender o corpo e sua experiência como base existencial da cultura, onde a cultura é formada pela performance de corpos da mesma forma que essa abstração, esse todo intangível e onipresente da cultura, incide na constituição de cada corpo e suas capacidades, em uma relação de interdependência existencial da cultura e dos corpos. Da mesma forma a subjetividade individual se forma em um corpo incidido e se manifesta em um corpo agente. Esse passo além das análises puramente semânticas é uma herança que Csordas resgata de Merleau-Ponty que percebe a percepção iniciando no corpo como agente e objeto da percepção e dirigindo-se a objetos no mundo, existentes apenas a enquanto percebidos, que invadem, incidem, sobre o sujeito perceptivo (ato pré-objetivo, a ação da percepção) antes deste poder classificar e refletir o que se defronta (pensamento reflexivo). Isso deixa claro um base epistemológica importante, sujeito e objeto uma distinção feita a posteriori, no pensamento reflexivo, e não uma distinção dada no mundo perceptual. Assim, o pensamento reflexivo instaura a ordem do abstrato, da linguagem em todos sistemas semióticos, enquanto anteriormente a ele reina o pré-objetivo, a vivência em si, e que por natureza é instaurada e instauradora do domínio cultural.

É dessa discussão, e da aplicação etnográfica de tais concepções, que emerge a chave epistemológica de Csordas, os Modos Somáticos de Atenção. A atenção é ato pré-objetivo, um estar atento ao e com o corpo, esta no domínio do dirigir-se da percepção aos objetos e da antecipação cultural dos usos e das características do que capturou a percepção. Os modos somáticos de atenção, por sua vez, são maneiras culturalmente constituídas de se estar atento ao e com o corpo, num meio intersubjetivo, tornando-se uma atenção não apenas, dirigida ao nossos corpos, mas também, simultaneamente, aos corpos de outrem. Cada um desses modos podem ser culturalmente reificados proporcionando um desenvolvimento entendido por normal dessas capacidades perceptuais na sociedade em questão ou podem ser culturalmente negados tornando-se uma irregularidade no indivíduo imerso no seu contexto social. Seu desenvolvimento pode trazer os pré-requisitos de posições de prestígio ou de estigma. Seu leque de possibilidades é tão

amplo quanto a percepção pode ser, ou seja, segundo Merleau-Ponty (1999), ilimitado.

Benzedura e dom na literatura antropológica

O Dom, é um elemento constituinte da benzedura apresentado em diversos trabalhos antropológicos que tem como tema a benzedura. Aqui neste item apresente o Dom através de algumas monografias sobre o tema, inicialmente em uma apresentação geral do Dom como apresentado neste amalgama de obras, após entrando nas discussões particulares levantadas por cada contexto estudado e, por fim, apresentando um breve e sintético panorama do Dom que encontrei em meu trabalho de campo junto às benzedoras de Rebouças – PR. As obras pelas quais contextualizo o Dom são a dissertação de mestrado de Braga, “Retratos da Benção” (BRAGA, 2010), desenvolvida junto às benzedoras de Campo Largo (PR), os trabalhos de Santos, desenvolvidos em Cruzeta (RN), “Rezadeiras: Prática e Reconhecimento Social” e “O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta (RN)” (SANTOS, 2004; 2007) e o trabalho de Oliveira (1983), em Campinas (SP), “Doença, cura e benzedura: estudo sobre o ofício da benzedora em Campinas”.

O Dom na literatura antropológica se apresenta como um elemento constitutivo da benzedura, sem o qual não teria as condições necessárias para realizar a cura através das benzeções. Este elemento fundamental é construído e se apresenta de forma particular na experiência de cada benzedora, constituindo parte essencial de seu modo de interação com o domínio do sagrado.

A presença do Dom pode acompanhar a benzedora desde seu nascimento ou pode se desenvolver durante sua vida juntamente ao ensino da reza ou no surgimento e enfrentamento de alguma forma de doenças ou “atrapalhos”. Sem a detenção deste elemento fundamental é ineficaz o aprendizado dos ritos de benzeção, muitas vezes interessados nesse aprendizado sendo alertados por benzedoras já constituídas que antes deveriam deter um Dom, muitas vezes a benzedora já identificando sua presença ou ausência no pretense aprendiz. Porém, como aqui deixo claro, o dom é fundamental a execução do ofício de benzedura, porém um conhecimento próprio da execução dos ritos e rezas é

também um conhecimento necessário para a eficácia terapêutica da reza.

O Dom, neste sentido, é requisito essencial para comunicação entre o mundo humano e divino, para interação entre as diversas instâncias de profano e sagrado presente na vida das pessoas. Sem esta interação garantida pelo Dom a benzedeira tornar-se-ia incapaz de requisitar pela saúde daqueles que atende.

O Dom, apresentado por Braga (2010) em sua etnografia com as benzedeadas de campo largo, vem como elemento de encontro entre dois circuitos de reciprocidade, onde a benzedeira através do Dom é o ponto central destes circuitos; posição essa que possibilita e permite a ação da benzedeira como agente mediador entre domínios.

Como ação desencadeadora do primeiro circuito está a entrega do Dom, pelo sagrado à benzedeira, uma dádiva que a conecta com o domínio sagrado de forma definitiva e que, portanto, deve ser retribuída à Deus de uma forma específica. Esta forma, como desenvolve Braga através dos relatos das benzedeadas é utilizando o dom, dedicando-se a ele, sem cobrar nada em troca pois “o que é dado de graça deve ser utilizado de graça”. Essa postura de dedicação ao dom deve ser, então, mantida mesmo que essa dedicação se coloque como obstáculo a outras atividades e relações da benzedeira. A recusa do exercício de benzedeadas torna-a detentora de uma dádiva sagrada sem uma postura adequada para tanto, isso pode trazer doenças e “atrapalhos” à benzedeadas; ou através da lógica do sagrado ambivalente apresentada em Mauss (MAUSS, 1981), podemos entender a causa desses infortúnios como uma consagração da benzedeadas ao ponto da impureza ocasionado por não realizar os ritos que permitiram o alívio de seu caráter sagrado para sua proteção ou daqueles que se mantiverem em contato próximo.

O segundo circuito, desenvolvido posteriormente a este que estabelece uma relação benzedeadas-sagrado, é ocasionado pela cura realizada através do dom, elemento que liga a benzedeadas ao sagrado e portanto permite a ela solicitar a intervenção sobre o doente. A cura realizada cria um vínculo de dívida entre aquele que a recebe e aquele que a realiza, e portanto, o “cliente” sente-se na obrigação de retribuir a graça recebida, normalmente presenteando a benzedeadas que lhe atendeu.

Em Oliveira (1983) o dom aparece como uma característica pessoal e particular de cada benzedeadas, sem entrar nas características que

este teria. Esse dom seria essencial para a eficácia e legitimidade da benzedeira, atuando como símbolo que permite o reconhecimento social da benzedeira como legítima e não como charlatã. Isso pois os clientes entenderiam o dom como uma ligação da benzedeira com o sagrado, sem o qual a cura seria impossível, portanto a crença e divulgação de uma benzedeira ainda não reconhecida popularmente possuir um dom é essencial para o desenvolvimento de sua legitimidade e do seu exercício.

Por sua vez, em Santos (2004; 2007), um elemento novo é acrescentado em nosso panorama sobre o Dom, o Dom Pré-Natal. Dentre as rezadeiras apresentadas no estudo de Santos algumas haviam desenvolvido o dom por imitação de outras benzedeiros, outras em situação de doença, mas algumas afirmavam ter nascido com o dom para a reza, a prova disso seria que teria chorado no ventre materno antes do nascimento, simbolizando o poder sobrenatural do sujeito para o exercício da cura.

Em Rebouças encontrei uma situação um pouco diferente deste mapeamento breve que fizemos do Dom na literatura antropológica. O Dom, ao menos num primeiro momento, não emerge como assunto corrente pautando a legitimidade as benzedeiros, nem emerge nos discursos das benzedeiros a respeito da eficácia de seu ofício ou da forma de seu aprendizado. O mais similar a este Dom descrito na literatura antropológica que encontrei foram as “capacidades sensoriais” de Dona Jandira e Dona Josefa, similares ao Dom da Visão descrito sinteticamente por Santos e Braga, até certo ponto. Esta capacidade que entendo aqui como Modos Somáticos de Atenção não é nomeada como Dom, nem compreendida como uma graça ou elemento que as liga com o Sagrado. Esta “capacidade” emergida também em situações de crise na trajetória individual destas benzedeiros é tratada como fenômeno desconhecido, confuso e de difícil atribuição sobre “se é coisa de Deus”, como veremos adiante. Por esta razão, esta forma de (in)compreensão do Dom não coloca-o como critério de legitimidade, muito menos desenvolve o circuito de dádivas onde a benzedeira ver-se-ia destinada a utilizar seu Dom em retribuição ao divino, já que o mesmo não é compreendido como algo positivo ou negativo, mas incógnito e incomodo.

Experiências particulares

Aqui apresentarei alguns dados etnográficos de minha pesquisa de campo em Rebouças, a serem analisados por uma perspectiva epistemológica da corporeidade e serão base de nossas elaborações a respeito do papel do “Dom” na cura e na formação dos laços sociais destes sujeitos. Esses dados são informações a respeito do “Dom” retiradas da prática e do discurso das benzedeiras de Rebouças enquanto estive em campo no ano de 2013. Trago aqui a experiência do “Dom” a partir de duas “benzedeiras” locais através de suas experiências perceptuais ligadas á benzedura e ao domínio do sagrado.

A "empatia física" da doença - Dona Josefa

Dona Josefa é uma mulher na casa dos 40 anos, moradora da área urbana de Rebouças, casada e condômina do terreno familiar onde, em casas independentes, moram sua mãe, Dona Jandira e uma de suas duas irmãs. Já foi residente na Capital do Estado, Curitiba, por diversos anos, onde trabalhava como empregada doméstica. Dona Josefa declara-se católica e frequentadora de uma Igreja Neopentecostal do Bairro, chamada pelos moradores por “Igreja Evangélica de Todos os Santos”.

Dona Josefa raramente realiza benzeduras, mas afirma deter um “sentido”, uma “percepção” (“eu consigo sentir”/“eu consigo perceber”) que lhe possibilita tal prática. Esta percepção não é reconhecida por Dona Josefa como um Dom, principalmente devido a sua dificuldade em valorar tal percepção como algo positivo ou negativo dentro de sua prática religiosa. Esta capacidade de Dona Josefa é entendida por ela própria como uma capacidade sensorial diferenciada que a faz sentir, independentemente de sua vontade, sem qualquer controle e durante todo o tempo, as dores e as aflições físicas que estejam sofrendo quaisquer pessoas próximas a ela.

Em sua trajetória religiosa Dona Josefa por diversas vezes buscou informações sobre como compreender seu “Dom” com diversas autoridades religiosas, principalmente através de padres católicos em Curitiba e pastores pentecostais em Rebouças. Porém, nenhuma das autoridades que questionou a respeito lhe concedeu uma resposta que considerasse satisfatória, algumas alegando desconhecimento do fenômeno e outras adiando uma explicação que nunca concederam a Dona Josefa. Não tendo encontrado as respostas que procurava com as auto-

ridades religiosas Dona Josefa simplesmente evita benzer a qualquer um, afirmando não saber se fazer isso “é coisa de Deus”.

Outro ponto importante da vida religiosa de Dona Josefa para nossa contextualização do uso de seu “Dom” é sua vinculação religiosa, que a impede de declarar-se benzedeira ou executar com grande frequência este ofício uma vez que o ofício da benzedura é tolerado, mas valorado negativamente na igreja que está frequentando atualmente. Dessa forma, Dona Josefa não exerce seu “Dom” de forma aberta às necessidades da comunidade, apenas exercendo a benzedura em pessoas específicas com as quais emerge naturalmente uma “forte simpatia”, indicando sua percepção do caráter moral da pessoa presente, cumulada com uma “forte intuição” de que deva atuar sobre ela, em suas palavras “só quando eu sinto que a pessoa é boa e que eu devo intervir é que eu benzo alguém, sabe?!” [informação oral – 12 de Janeiro de 2013].

Com efeito, o “Dom” de Dona Josefa é particularmente interessante de ser pensado através da corporeidade, inclusive mantendo grandes semelhanças com alguns elementos da cura carismática acompanhada por Csordas (CSORDAS, 2008). Este “Dom” de Dona Josefa, como apresentado anteriormente é uma capacidade sensorial com a qual, segundo sua descrição, ela seria capaz de sentir em seu corpo qualquer mal que aflija uma pessoa fisicamente próxima a ela. Porém, ele se estende muito além de um anúncio de ordem intuitiva sobre a pessoa a ser curada como na cura carismática, ele permite que Dona Josefa sinta e sofra em seu corpo o mal que aflige aqueles que estão próximos.

Um ponto essencial a respeito deste “Dom” está no fato de encontrar-se permanentemente sensível, atento; assim, qualquer pessoa que se aproxime de Dona Josefa, estando doente, fraca, sofrendo de males entendidos como espirituais ou sob efeito de entorpecentes, geram um efeito instantâneo sobre seu corpo, que “sente” em si o “mal” do outro, mantendo tal sensação corpórea até que os corpos se afastem consideravelmente. Esse processo foi chamado por Csordas a partir de seu diálogo com a fenomenologia de Consubjetividade, uma forma perceptual, um modo somático de atenção, de sincronização de processos corporais.

Em casos de doenças, dores e fraquezas Dona Josefa afirma instantaneamente sentir em seu corpo as exatas dores ou sensações do

corpo adoecido próximo.

Dona Josefa: Teve uma vez que eu estava perto de uma senhora aqui do bairro, lá na igreja e senti muita, muita dor de garganta, mal conseguia falar. Eu não sabia o que era, quando fui falar com ela para avisar que estava passando mal ela me disse gesticulando e bem rouca, sem voz, que ela tava com muita dor de garganta. Ai eu sai de perto dela né, e passou. [informação oral – 09/01/2013]

Diferentemente, no caso de entorpecentes, a percepção de Dona Josefa simbolizou em seu corpo a sensação do corpo intoxicado do outro sob a forma de um equivalente semiótico que simboliza a forma de aflição, do mal que aflige o corpo próximo.

Dona Josefa: Sabe, chego até a pegar tudo das pessoas que cruzam comigo na rua. Quando cruzei uma vez com a Dona Felícia antes dela operar senti muita dor no joelho, mal conseguia andar, quase não consegui chegar em casa. E esses dias cruzei com um rapaz, o menino dos Costa, senti um amortecimento na boca e um gosto ruim, tão forte, tão forte, e depois fui saber que ele tava usando droga né?! [informação oral – 09/01/2013]

Além disso, Dona Josefa também é capaz de perceber, de forma pré-objetiva, males que após, reflexivamente, interpreta como males de ordem espiritual. Neste caso enquadram-se males do olhar (olho gordo, mau olhar e quebranto) e males morais. Estes são identificados da mesma forma que os entorpecentes, através da somatização de equivalentes semióticos, que a posteriori são interpretados possibilitando uma diagnose em um domínio linguístico e sua classificação como mal espiritual.

No dia em que visitei sua casa pela primeira vez, em 10 de janeiro de 2013, quando estávamos a nos despedir, logo antes de deixar sua casa, Dona Josefa pediu para que eu me sentasse, afirmou ter sentido que deveria me presentear com um medalhão de São Bento e me benzer para me livrar de algum peso que havia sentido. Me sentei, após receber sua medalha quando ela colocou suas duas mãos sobre minha cabeça e iniciou suas orações, todas elas eram entoadas de forma sussurrante e por esse motivo ininteligíveis a mim. Ao fim de suas rezas ela me perguntou se me encontrava com sono, o que respondi negativamente, recebendo como resposta sua afirmação de que sentiu muito sono

enquanto me benzia. Afirmou que se não estivesse com sono haveria a chance de me purificar bocejando muito para expelir o que estaria a me afligir. No dia seguinte voltei a sua casa, então, fui por ela indagado se senti sono durante o dia anterior, após a benzeção. Em resposta contei-lhe que não havia sentido sono algum, porém estranhamente durante toda a manhã não consegui conter bocejos, sem sono, que além de persistentes me atraíram a atenção devido ao incomodo que causavam me afligindo enquanto caminhava a cada três ou quatro passos, ao ponto de quase ter me irritado com tamanha reincidência. Em resposta ela apenas me falou “é, curou então, era quebrante mesmo, como achei que era por ter me sentido com sono quando te benzi”.

Aqui podemos identificar a experiência perceptiva pré-objetiva no momento da reza, enquanto apenas após a experiência ocorreu a objetivação do que fora sentido, reflexão, classificando o mal sentido como “quebrante”, um mal de classificação como espiritual causado através de um olhar de admiração de outrem.

Este “Dom”, sendo uma capacidade do domínio da percepção não permite a escolha de perceber ou não os fenômenos que se manifestam em seu alcance, como a visão que não podemos escolher não ver o que se impõe em nosso campo visual; Husserl afirmava, o fenômeno captura o sujeito sem que esse possa escolher negá-lo, estamos como sujeito no mundo e não podemos negar o que se manifesta para o sujeito. Dessa forma, como consequência, tal Modo Somático de Atenção transforma não só o mundo perceptivo para Dona Josefa como incide de maneira intensa e permanente sobre suas relações sociais, forçando-a a selecionar suas companhias para evitar o contágio com sensações desprazerosas, como no caso do senhor na igreja que estava com uma forte infecção na garganta. Porém, tal restrição social que seleciona os grupos possíveis de convívio vai além, influenciando até mesmo em suas relações familiares e religiosas.

Neste sentido, Dona Josefa apresenta sua relação com algumas de suas irmãs, cuja quais evita o contato prolongado e a benzedura por sentir-se muito mal próximo a elas devido a seu “Dom”. Sempre que recebe sua irmã como visita afirma sentir um mal estar generalizado, que afirma ser reflexo da vida moral que esta irmã leva, principalmente em termos de moralidade sexual. Em contrapartida, sua irmã mais jovem, apesar do posicionamento de Dona Josefa, sempre insiste para que ela a benza, afirmando que após o benzimento sempre sente-se muito melhor.

Eu não gosto de benzer ela, ela sempre me pede, mas eu quase nunca benzo ela. Sabe, ficar perto dela me faz sentir um ruim, uma coisa meio que por tudo. Mas, isso é por causa da vida dela com os homens. Ela anda com muito homem e não é direito. Ai eu já nem fico muito por perto. [Informação Oral – Dia 14 de Janeiro de 2013]

Na instância religiosa uma nova face deste “Dom” manifesta-se. Dona Josefa é de filiação prática evangélica, mas afirmadamente católica. Possui devoções muito intensas a santos, principalmente São Bento, do qual distribui diariamente medalhas de proteção. Porém, Dona Josefa afirma sentir-se melhor na igreja evangélica que na católica. Primeiramente pelo fato de a pequena igreja que frequenta, no discurso da benzedeira, ao menos, não conter momento onde depreciem a religião católica. Em segundo lugar, e mais importante para nossa análise segundo Dona Josefa, em ambas igrejas ela sente a presença divina, mas na católica ao avistar a imagem de Cristo Crucificado suas mãos ardem como se queimadas, muito intensamente.

Assim, percebo a partir desta afirmação de Dona Josefa que a construção de seu “Dom”, sua percepção empática da aflição dos que a cercam, não restringiu-se a percepção de um ambiente intersubjetivo exclusivamente direcionada aos corpos humanos, mas também a possibilidade de uma relação empática com símbolos religiosos e imagens, ao menos em momentos de uma concentração devocional.

Percepção empática do ambiente – Dona Jandira

Dona Jandira, mãe de Dona Josefa, é declaradamente benzedeira e, diferentemente a Dona Josefa, se dedica sempre que acionada em auxiliar a comunidade com o exercício de seu Ofício. Dona Jandira não possui nada similar a empatia corpórea que Dona Josefa desenvolveu, mas dentre diversas outras construções de sua percepção, Dona Jandira desenvolveu o que poderíamos considerar como um Modo Somático de Atenção que lhe permite sentir fisicamente o temperamento do ambiente em que se encontra no momento de suas orações. Neste sentido, como temperamento do ambiente descrevo um aspecto do ambiente intersubjetivo formado pelas posturas, intenções, comportamentos e emoções das pessoas naquele local ou como explica Dona Jandira “energia do lugar, as coisas que as pessoas fazem, as pessoas que mo-

ram no lá”, bem como, se constitui também de elementos cuja percepção fora negada ou ao menos não reiterada culturalmente, mantendo-se normalmente despercebidos.

Descrevo abaixo um caso que acompanhei, onde Dona Jandira fora chamada para auxiliar um casal de idosos que viviam em uma casa a poucos metros de sua residência, na mesma rua.

O Sr. José e a Dona Tereza² formam um casal de idosos que vivem sozinhos em uma pequena e antiga casa de madeira. Nas semanas que antecederam minha ida a campo o Sr. José fora afligido por ataques de pulgas constantes, todas as noites, porém tais picadas ficaram restritas apenas a seus pés. Com nenhum procedimento médico ou popular Dona Tereza teve sucesso no tratamento do marido. Nos últimos dias o Sr. José já encontrava-se incapacitado para andar pelas feridas causadas pelas constantes picadas. Curiosamente, nenhum cômodo da casa estava infestado, nem os jardins em torno da residência. Dona Tereza que lhe dividia sua cama também estava livre das picadas, mas, mesmo assim, para evita-las nos dois últimos dias passou a dormir em um cômodo separado

Nesse contexto Dona Tereza solicitou que Dona Jandira tentasse ajudar com suas rezas. Prontamente Dona Jandira atendeu, buscando seus objetos de reza, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, alguns ramos verdes específicos e seu terço, dirigindo-se, então, para casa de Dona Tereza. Chegando lá Dona Jandira realizou algumas orações com a santa e o ramo em frente o Sr. José, porém, segundo ela própria, percebeu que deveria benzer a casa para afastar toda e qualquer pulga de lá, benzendo apenas o Sr. José a reza não teria o efeito desejado.

A reza para afastar pulgas de Dona Jandira envolve benzer todo interior da casa, passando por cada cômodo em oração e rezar em três pontas das quatro pontas da casa, forçando assim as pulgas a saírem pela “ponta aberta”. Dona Jandira segurou firmemente seu terço e em concentração foi orando pelo interior da casa, até que ao passar por um cômodo específico, que por estar com uma cortina no batente não pude perceber seu conteúdo, a benzedeira parou sua oração e bruscamente deixou a residência, afirmando ter feito tudo o que podia.

Em uma conversa privada Dona Jandira explicou que ao passar em frente o quarto sentiu um ambiente “muito pesado”, fortes náuseas e um intenso mal estar. Algo tão desagradável e descrito como ruim que teve de deixar o lugar. Nos dias seguintes Dona Tereza chamou Dona Jandira novamente para realizar os benzimentos, porém Dona Jandira nunca mais foi até aquela casa.

Segundo Dona Jandira sua sensibilidade consegue sentir a “energia do lugar, as coisas que as pessoas fazem, as pessoas que moram no lá” de alguma forma que desconhece, mas que se manifesta naquilo que sente em seu corpo ao tentar benzer algum lugar. Porém, o fato de sua percepção incidir sobre esse tipo de fenômeno apenas em momentos de oração como no caso descrito acima, onde ao cruzar primeiramente o quarto sem estar em reza nada sentiu, demonstra que o Modo Somático de Atenção que desenvolveu necessita de um modo particular de concentração da agente. O Modo Somático de Atenção desenvolvido por Dona Jandira nos remete ao conceito de Koffka exposto por Csordas de Ambiente Comportamental. Um ambiente comportamental seria nada mais que a percepção de um ambiente, seus objetos naturais e os objetos culturalmente reificados, um ambiente que acumula em suas características o que constitui a realidade objetiva e as significações e restrições culturais. Assim o “Dom” de Dona Jandira possibilitaria a percepção de elementos presentes no ambiente comportamental ignorados (negados culturalmente) pela percepção da maior parte dos sujeitos.

Podemos perceber, com feito, que este Modo Somático de Atenção desenvolvido por Dona Jandira apresenta-se a nós como uma forma que cumula uma espécie de percepção empática (ROGERS, 2008) voltada tanto ao ambiente quanto às pessoas que o integram, somado a um processo corporal de concentração que não pode existir separadamente. Um processo que em uma análise rápida dotaríamos de causa (concentração) e efeito (percepção empática do ambiente) interdependentes, mas, acredito que este processo seria melhor entendido como formado por estas ações de forma sincrônica. Desta forma a percepção não emerge em consequência a concentração, mas ambos ocorrem simultaneamente, ou seja, ambas ações estão presentes no comportamento perceptivo do sujeito, porém apenas ao ocorrerem simultaneamente que possibilitam uma expansão dos componentes percebidos pelo sujeito, estendendo-o a determinados objetos cuja apreensão sensorial não é reificada culturalmente.

Essa forma de compreender o processo de concentração/percepção desenvolvido pelo “Dom” de Dona Jandira nos remete a capacidade de ação contínua do ambiente, intersubjetivo, e da própria ação de percepção direcionada da benzedeira. Da mesma forma que sua percepção incide sobre o ambiente em modos culturalmente desenvolvidos de seu Modo Somático de Atenção o ambiente incide sobre ela,

em seu corpo, com aquilo que trato por seu temperamento, formado pela ação dos sujeitos que o habitam construindo-o no seu dia-a-dia continuamente.

A relação com o mundo proporcionada pela percepção empática do ambiente desenvolvida por Dona Jandira é muito similar a relação desenvolvida por Dona Josefa através de sua empatia física da doença. Em ambos os casos, estas agentes desenvolveram formas de percepção, modos somáticos de atenção, que possibilitam a apreensão pré-objetiva de elementos culturais do comportamento moral, sejam esses presentes no ambiente ou na conduta dos sujeitos próximos; elementos estes que não foram culturalmente reificados como elementos relevantes na construção da percepção comum da comunidade e assim só são percebidos por modos somáticos de atenção desenvolvidos por sujeitos particulares. Assim, Em ambos os casos, tais elementos são elementos que transitam entre a vida física, a saúde, e a vida moral dos sujeitos, criando uma percepção que integra estes elementos e informa o sujeito, benzedeira, sobre a situação que encontra.

Dom e vida coletiva

A presença do “Dom”, para estas benzedeadas não lido como uma dádiva, mas como um fenômeno de ordem desconhecida, impacta intensamente sobre o modo de vida e as relações estabelecidas com a comunidade local. A própria ausência de compreensão deste fenômeno ordena-o de forma particular na vida cotidiana destes sujeitos, em uma tentativa de compreendê-lo e ordená-lo ou incorporá-lo entre suas atividades.

Contrariamente a interpretação que as benzedeadas de diversas localidades detém sobre seu Dom conforme indicado em diversas etnografias sobre o tema, estes sujeitos não possuem uma compreensão da forma de percepção que desenvolveram como uma dádiva, de grande valor positivo, que deve ser retribuída na produção de uma atividade em prol do bem comum. Assim interpretam este fenômeno como detentor de nada mais que uma possibilidade de ser utilizado para as necessidades comunitárias, sem dotá-lo de um valor positivo ou negativo, mas de um valor incógnito e suspeito. Com efeito, Dona Jandira opta por colocar sua benzedura a disposição comunitária, enquanto sua filha Dona Josefa prefere guardar-se para evitar sensações desagradáveis ao

seu bem estar.

Podemos identificar, então, que num âmbito da vida coletiva destes sujeitos seus “Dons” e a indeterminação a eles atribuída acabam por selecionar seus círculos de convivência destas benzedeadas dentro de sua comunidade. Dona Jandira que detém seu modo somático de atenção ligado a uma forma de concentração que desenvolve ao realizar sua reza possui círculos de convívio mais amplos, frequentando diversas igrejas apesar de decididamente católica, bailes e festas comunitárias, recebendo visitas constantes de quaisquer parentes e vizinhos e realizando frequentes visitas à doentes em suas casas e hospitais. Porém, em casos onde obtenha através da execução de sua reza a percepção de um intenso mal sobre algum espaço pode excluir o convívio, ao menos parcialmente, com determinados membros da comunidade para preservar-se. Por sua vez, Dona Josefa restringe de forma mais ampla seu círculo de convívio, evitando qualquer contato, sempre que possível, com pessoas que desenvolvam um comportamento moral conflitante com seu com seu estilo de vida, sua fé e por consequência sua moral pessoal, bem como o contato com pessoas doentes ou que estejam intoxicadas por qualquer substância.

O Dom, assim, marca o sujeito tornando-se parte fundamental de sua noção de eu ao se fazer presente ao sujeito e ditar formas, restrições ao estabelecimento de suas relações com os demais membros da comunidade. Ele se torna como um imperativo moral sobre a vida do indivíduo, como marca perceptível e constante de seus ideais morais e de seu estilo de vida. Neste sentido, estes modos somáticos de atenção geram sobre o indivíduo uma marca moral, não implicando em um comportamento ou fé específica do sujeito, mas tornando sua escolha comportamental uma marca viva. Além disso, o Dom marca o sujeito, para si mesmo, como detentor de uma potência, uma potência de agente curador comunitário que pode ou não ser desenvolvida.

Com efeito, é esta mesma percepção que permite ao sujeito a intervenção através de suas rezas, ligando-o ao seu objeto de reza pelo qual solicitará a intervenção divina através do que é percebido. Ao mesmo tempo a benzedeadada se liga cognitivamente, através de orações, rituais, a potência divina, ao domínio do sagrado solicitando-o a intervenção sobre o que é objeto de sua percepção, e com seu Dom faz-se presente em seu próprio corpo. Assim, a transformação é solicitada sobre o sujeito alvo por uma espécie de canal que funde sua aflição à

própria benzedeira e a ligação desta ao sagrado. Neste esboço de compreensão do Dom, que realizamos muito detidamente, indicamos, sob a perspectiva do paradigma da corporeidade, uma possibilidade de problematização e compreensão do papel mediador da benzedeira entre o sagrado e profano já indicado em diversos outros trabalhos antropológicos.

Conclusão

O Dom, aqui apresentado sob o paradigma da corporeidade como um modo somático de atenção, é um marco fundamental na vida dos benzedores que afirmam o possuir. Em toda literatura antropológica ele é tratado como elemento constituinte da eficácia e legitimidade do benzedor, bem como uma grande dádiva do divino que deve ser retribuída no serviço à cura dos enfermos de forma tão gratuita quanto a obtenção do próprio Dom. O Dom, neste sentido, é uma experiência intensa que marca a trajetória de vida e a noção de si que traz a benzedeira, constituindo-a como tal; seja após a recuperação de um longo e aflitivo período de doença, seja de forma espontânea ou mesmo marcando suas relações desde a primeira infância. Esta centralidade do Dom o coloca como ponto determinante na formação dos vínculos sociais da benzedeira das mais diversas formas.

De forma particular, os casos em que nos detemos aqui constituem uma forma muito diferente de compreensão do Dom, uma vez que o Dom não recebe a interpretação normalmente apresentada entre benzedeiros. O Dom para estas mulheres é incógnito e suspeito, não conseguem atribuir a ele valores positivos ou negativos com algum grau de certeza; sua manifestação, a percepção por ele proporcionada constrange, incomoda e assusta estes sujeitos. Dessa forma, essa indeterminação cria um forma de percepção do Dom e do ofício da reza de forma particular, onde não existe a obrigatoriedade em prestar-se ao atendimento dos enfermos, opção esta adotada, como vimos, por Dona Jandira, mas não por sua filha, Dona Josefa. Porém, da mesma forma o “Dom” manifesta um impacto sobre a vida social destes sujeitos, neste contexto selecionando os grupos sociais com os quais interagem tendo como critério os impactos que estes tem sobre seus corpos na forma de percepção proporcionada pelo Dom. Esta compreensão do “Dom” entre estas benzedeiros e seus efeitos em suas relações sociais indica

outras formas e possibilidades de domínio e efeitos de um modo somático de atenção sobre o sujeito que o desenvolveu e sua comunidade.

Notas

* Aluno de graduação, bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Paraná.

¹ Utilizo aqui as expressões “Dom” e Dom (com e sem aspas). Como Dom entendo toda gama de fenômenos apresentado na literatura antropológica a respeito de benzedura, apesar da imensa gama de experiências distintas taxadas por esta denominação nos diversos contextos estudados. Utilizo-o com aspas nos momentos em que me refiro às experiências que são narradas pelas duas benzedoras que apresento aqui, uma vez que suas experiências não são chamadas nem compreendidas por elas próprias como um Dom, apesar destes fenômenos da percepção terem íntima relação com o que assim foi chamado por benzedoras em outros contextos etnografados. Ademais, ainda vale ressaltar que tomo esta atitude para uma questão de fluidez do texto uma vez que seria por demais desgastante reutilizar as orações explicativas destas mulheres sempre que me referir a este fenômeno, uma vez que estas benzedoras não denominam sob um rótulo nominal suas experiências sensoriais.

² Nomes fictícios.

Referências

- BRAGA, Gesline Giovana. *Retratos da Bênção* - Usos da Fotografia entre as Benzedoras de Campo Largo – PR. Curitiba, PR, 2010.
- CSORDAS, Thomas J. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício. In: Mauss, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MAUSS, Marcel. A prece. In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 229-324.
- MELO, Bruna Thayse Queiroz. *Rezaadeiras: Representações e Recontextualização*. 2003. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)—Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, RN, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. *Doença, cura e benzedura: estudo sobre o ofício da benzedora em Campinas*. Campinas, SP, s.n., 1983.
- ROGERS, Carl Ransom. *A pessoa como centro*. São Paulo: E.P.U., 2008.

SANTOS, Francimário Vito dos. O Ofício das Rezadeiras como Patrimônio Cultural: Religiosidade e Saberes de Cura em Cruzeta, na Região do Seridó Potiguar. *Revista CPC*, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio-out. 2009.

_____. *O ofício das rezadeiras*: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN. Natal, RN, 2007.

_____. *Rezadeiras*: prática e reconhecimento social. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)—Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2004.